

O VERBO E O SENTIDO

Ana Paola Valente

Jornalista, mestre em Ciência da Informação
pela UFMG e professora da FCH-Fumec

“A palavra é cega, mas é a palavra que torna visível”.
(Evgene Bavcar, *fotógrafo*)

O homem contemporâneo tem sido chamado nos últimos tempos a responder, cada vez mais rapidamente, aos imperativos de sua época, marcada principalmente pela profusão da informação e pela imagem. A predominância das imagens tem sustentado a possibilidade de ampliação do consumo da informação e garantido a ela o dinamismo e a agilidade de sua propagação. Entretanto, a imagem não se sustenta sozinha: rica em símbolos e informações, ela pode se apresentar, por outro lado, pobre de sentido. Tratada em profusão, como é uma das marcas da contemporaneidade, ela corre o risco de se esvaziar.

No documentário produzido por João Jardim e Walter Carvalho, “Janela da alma”, o cineasta alemão Win Wenders, em seu depoimento, diz dessa angústia gerada pelo tempo presente, onde os homens são assaltados por várias imagens, que sempre procuram vender algo. Significam algo em si mesmas dentro da lógica capitalista, onde se espera não tanto a reflexão sobre a informação, mas a resposta imediata ao estímulo do consumo. No entanto, aí reside um de seus principais riscos porque as imagens não contam história, apenas sugerem algo. E, diz o cineasta, “a necessidade humana mais básica é que essa alguma coisa [sugerida pela imagem] faça algum sentido”. E esse sentido é construído pela narrativa, um aspecto cada vez mais enfraquecido na comunicação contemporânea norteadada pelo discurso fragmentado.

A recuperação da força da comunicação no tempo presente passa pelo resgate da força da palavra, na busca de equilíbrio entre palavra e imagem, como defende o fotógrafo esloveno Evgene Bavcar, deficiente visual, também personagem do mesmo documentário citado acima:

“Para mim, a linguagem e a imagem são ligadas. A palavra é cega, mas é a palavra que torna visível. A palavra, sendo cega, torna visível, cria imagens e é graças à palavra que temos imagens. Hoje, a imagem cria-se sozinha, não é mais resultado da palavra. Para mim, isso é grave. É necessário haver um equilíbrio entre a palavra e a imagem”. (Evgene Bavcar. Jardim; Carvalho. *op. cit*)

A palavra em sua forma impressa é o objeto desse artigo. Qual pode ser a gravidade de a imagem criar-se sozinha, como alerta Bavcar? Certamente, o risco de se perder a capacidade de encontrar explicações que promovam a descoberta dos encadeamentos dos fatos registrados.

A escrita, por resultado, é tarefa difícil, porque precisa ser fruto da reflexão sob pena de faltar ao seu compromisso de promover o esclarecimento. A narrativa tem de fazer sentido, produzir e ligar as imagens de modo a formar uma história. Numa certa altura de “Jangada de pedra”, o escritor português José Saramago apresenta quase um desabafo sobre o difícil ofício de escrever, que é ao mesmo tempo uma sucinta descrição da tarefa e da responsabilidade desse mesmo ofício.

“Difícilímo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, [...] mas, por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos. Há quem julgue que a dificuldade fica resolvida dividindo a página em duas colunas, lado a lado, mas o ardil é ingénuo, porque primeiro se escreveu uma e só depois a outra, sem esquecer que o leitor terá de ler primeiro esta e depois aquela, ou vice-versa, quem está bem são os cantores de ópera, cada um com a sua parte nos concertantes, três quatro cinco seis entre tenores baixos sopranos e barítonos, todos a cantar palavras diferentes, [...] ao espectador o que lhe interessa é a música, já o leitor não é assim, quer tudo explicado, sílaba por sílaba e uma após a outra, como aqui se mostram.” (Saramago, 2000:12)

O trabalho, como observa Saramago, deve resultar, ao fim, na missão de organizar o caos ao produzir explicação – talvez daí o caráter extenuante da tarefa de escrever ao qual ele se refere.

Ao dispor as palavras numa folha de papel o homem procura registrar uma entre as possíveis captações de sentido para que se torne acessível a outros que dominem a mesma linguagem a partir do momento em que é distribuído para esse fim. Essa tem sido a história das mídias impressas, que se constituem em registros de idéias, narrações, interpretações e análises de fatos que, por algum motivo, mereceram o registro.

A partir desse conceito, o jornal impresso se credencia como instrumento divulgador de idéias e de relatos de fatos, mas com o potencial de ir além e promover a explicação, a interpretação e a análise. Entretanto, chega aos dias de hoje sob ameaças de extinção, dada a importância que vem sendo dada a outras mídias, quer pela maior agilidade, quer pelo maior apelo visual. Ele sofre a mesma ameaça que

para sobre os livros e todas as outras mídias impressas em papel, esse suporte tão antigo, que insiste em existir em plena era eletrônica. As previsões sobre o futuro dos impressos seguem numa discussão inócua se forem tratadas na perspectiva de evoluções tecnológicas. Isso porque a implantação de uma nova tecnologia tem se dado não com substituição imediata de uma por outra, mas pela coexistência de várias ao mesmo tempo, cada qual atendendo a uma demanda específica (Santos, 1996). O fim de uma tecnologia só pode ser observada por sua completa inutilidade, nunca pelo simples fato de haver outra mais evoluída – mesmo porque a medida da evolução não é linear. Por isso não adotemos esse caminho da especulação.

O fato é que as tecnologias das novas mídias têm gerado influência sobre as já existentes, num processo mútuo de mudanças de linguagem, estrutura, forma. O jornal impresso – objeto desse artigo – segue nesse processo incorporando novos formatos, em sua tentativa de sobrevivência. O que se questiona é o direcionamento das alterações adotadas até então que nem de longe podem ser interpretadas como imperativos tecnológicos, mas resultado das condições sócio-econômicas que determinam sua existência.

O jornal impresso encontra-se em crise; isso é fato. Mas não se deve creditar essa crise exclusivamente à existência de mídias mais atraentes que atendam de forma mais eficiente às demandas de mercado por consumo mais rápido de informação. O que pretendo discutir aqui é que sua crise se deve a um processo de perda de caráter e não a imperativos tecnológicos que possam, num futuro próximo, distante ou longínquo, determinar o fim do suporte papel. Tampouco a perda de sua característica pode ser vista pela abordagem tecnológica porque o surgimento de novas mídias tampouco obriga à adequação às novas linguagens como mecanismo de sobrevivência. Antes, a sobrevivência estaria condicionada à necessidade de definição e fortalecimento de características próprias que, bem trabalhadas, dariam condições de continuar oferecendo o que as outras não podem ou têm menos condições de oferecer.

A TRANSFORMAÇÃO DA LINGUAGEM

Apontar quando tudo começou, exatamente, é tarefa árdua e arduosa. Mas é possível identificar o marco no diário estadunidense *USA Today*, lançado no início da década de 1980 incorporando à sua linguagem o aspecto visual e gráfico com mais destaque, com níti-

da influência da linguagem da TV. A imprensa escrita já vinha num processo de reformas gráficas e visuais que tornaram a leitura mais agradável e mais fácil. A experiência do jornal se consolidou como um ponto de referência nesse caminho: textos curtos, padronizados, gráficos e fotos em destaque. A despeito das críticas ao excesso de cor e de pedaços de textos, o jornal se transformou num sucesso empresarial e teve seguidores mundo afora. É importante destacar que profissionais que acompanharam a evolução do *USA Today* registram que o próprio jornal acabou por sentir a necessidade de mudanças, contratando profissionais “de peso” e até mesmo abrindo espaço para reportagens um pouco mais detalhadas, chegando a adotar reformas editoriais e gráficas na década de 1990. Mas a sua iniciativa de dotar o jornal de caráter predominantemente visual se firmou em modelo para aqueles que se empenharam na tentativa de transformar o jornal em mais uma mídia para consumo rápido e instantâneo de informações.

Certamente não se trata de pregar uma volta ao passado, ao jornal sem títulos, com textos empolados, dispostos sem tratamento gráfico e sem organização das informações – visuais e de texto. Jornal e revista se valeram, e bem, de técnicas para que a leitura de suas unidades de informação se tornassem mais claras e mais bem organizadas. Texto, foto, ilustrações e gráficos têm seus próprios pesos no espaço jornal. Tenho questionado a aplicação da experiência levada às últimas conseqüências, subordinando a produção de seu conteúdo à técnica e não o contrário. O que se percebe é uma pasteurização do jornal impresso, guiada pelo imperativo do produto mais atraente, da leitura mais dinâmica, pelo contato mais visual. A leitura do jornal deixa a postura de busca de informações, análises e interpretações para se transformar num exercício de estímulo-resposta. Isso porque o jornal passa a oferecer pílulas de informações, orientadas pelo grupo de imagens, com o próprio texto se convertendo em imagem, porque os títulos assim se compõem, com as fotos e legendas, contribuindo para a instantaneidade a quem se aventura a ler. Assim, o leitor – cada vez com menos tempo para se dedicar à leitura, conforme indicam as pesquisas de opinião que têm orientado as últimas alterações dos jornais diários – passa os olhos pela página, confere as notícias editadas, confere os textos daquelas que lhe interessam mais e dá-se por satisfeito.

Mas, ao que tudo indica, a fórmula não tem sido assim tão atraente para o público consumidor de informações, como podem comprovar os dados compilados por Noblat:

“a receita de publicidade dos jornais em 2001 foi 7,2% menor em termos reais do que a do ano anterior. Nos Estados Unidos, a queda foi de 11,5%, a maior desde a ‘Grande Recessão’ dos anos 30; os jornais venderam 0,46% a mais de exemplares em 2001 se comparado com 2000. Só que desde 1977 eles vinham crescendo a uma taxa média anual de 4,8%; nos últimos seis anos, o volume de dinheiro gasto com publicidade aumentou em 75% no Brasil. Mas a participação dos jornais no bolo publicitário caiu de 28% em 1995 para 21% em 2001; entre março de 2001 e março de 2002, os 15 maiores jornais brasileiros, responsáveis por 74% do volume total de exemplares vendidos no país, diminuíram sua circulação em 12%. Deixaram de vender exatos 346.376 exemplares. É como se uma edição inteira da Folha de São Paulo tivesse deixado de circular.” (Noblat, 2002: 14)

A tentativa de competir com as demais mídias na disputa pelo consumidor de informações tem deixado o jornal numa situação cada vez mais difícil. Mas a primeira causa seria sua completa impossibilidade de competição neste meio. Informação rápida, instantânea e visual: isso as outras mídias fazem melhor e com mais recursos. A instantaneidade do rádio, o apelo da imagem da TV, a conversão de várias mídias nos poderosos portais de notícias oferecidos pela Internet, tudo conduz ao consumo rápido da informação, numa velocidade e quantidade difícil de acompanhar. O jornal teria a capacidade de escolher assuntos e tratá-los com profundidade. Noblat desafia os jornais a fazer o que lhes convém, que é antecipar o futuro e promover análises consistentes e avançadas. Para isso, deveria explorar todos os recursos que lhe são pertinentes. Mas o caminho tem sido outro e conduz cada vez mais à descaracterização do meio e à conseqüente perda de seu poder de informação. A chamada geração do vídeo e da rede pode não ter registro, mas Noblat faz questão de lembrar que o jornal impresso já foi fonte primária de informação: “Tenho a fotografia de um café em Nova York no dia seguinte ao do assassinato do presidente John Kennedy em novembro de 1963. Em todas as mesas, havia pessoas lendo algum jornal” (Noblat, 2002: 98). Essa já não é mais a realidade, numa época em que as pessoas são conduzidas ao consumo da informação rápida e instantânea. Se o jornal só oferece isso, porque vão comprar uma informação que já ouviram no rádio, viram na televisão ou leram na Internet? O impresso não pode viver do passado; passa da hora de ele se dedicar a anunciar o futuro, como diz Noblat.

Para cumprir o seu papel e retomar seu caráter, o jornal precisa estar recuperando o que podemos chamar de responsabilidade da palavra. Isso significa investir na produção de sentido através de textos bem elaborados, com informações precisas, bem apuradas e alinhadas de modo a produzir uma interpretação coerente e consistente e, assim, deixar tudo explicado “sílabas por sílabas e uma após outra”.

PARECE AINDA CONSTRUÇÃO E JÁ É RUÍNA

Se a padronização do texto foi um importante avanço para o jornalismo na medida em que contribuiu para dar dinamismo e agilidade com qualidade de informação, hoje já aponta sinais de cansaço. Sua conquista é também sua ruína. Isso pode ser percebido através da entronização do lide, a expressão mais bem acabada do processo de padronização do texto. Por isso mesmo, é onde o aspecto do empobrecimento da imprensa escrita mais se evidencia.

Os manuais de redação orientam para escrita rápida, que conduz à leitura rápida. O excesso do padrão retira o potencial da explicação. Como aponta Noblat, títulos e lides repetem a mesma informação, condensada no parágrafo de abertura de cada matéria, de modo que os mais desavisados se sintam satisfeitos e até informados com a leitura deles.

O manual da Folha de São Paulo diz que o lide tem a função de introduzir o leitor no texto e prender a sua atenção (Folha de São Paulo, 2001: 37-38). No entanto, o mesmo manual diz, mais a frente, que a maioria dos leitores de um jornal lê apenas o título da maior parte dos textos editados (Folha de São Paulo, 2001: 168-169). Ou seja, dão-se por vencidos na tarefa de atrair o leitor para a leitura antes mesmo de começar.

Noblat identifica na insistência do uso do lide convencional o enfraquecimento do texto jornalístico. Principalmente porque, seguindo a fórmula clássica, vamos insistir em começar o texto por informações velhas. Para ele, as amarras do lide convencional impedem de contar histórias com esmero. O texto tem de ter uma coerência, uma linha de raciocínio, um encadeamento que revela uma história. E tem de ser atraente, coisa que o padrão não permite. Isso porque, ao invés de contar história, o repórter acaba por ter de preencher um formulário, orientado pela velha e matemática fórmula $3q + 1o + 1c + 1pq$: **q**uem, o **q**uê, **q**uando, **o**nde, **c**omo

e porquê (infelizmente, com grande descrédito deste último, quase um apêndice, quando, na verdade, poderia sustentar a orientação da apuração da notícia).

Quando Noblat buscou dar exemplos de lides bem-estruturados e bem feitos, recorreu primeiro à literatura, onde a técnica ainda não foi capaz de colocar uma forma engessadora que a colocasse acima de sua função principal e conseguiu mostrar a indignação do jornalismo. Mais uma vez é possível buscar ajuda na literatura para mostrar nossa indignação em outro aspecto que se mostra crucial no debate ora proposto: a ausência de tentativas de explorar ao máximo a potencialidade que a linguagem do jornalismo impresso proporciona (ou poderia estar proporcionando). Quando o poeta Octavio Paz escreveu o poema Blanco, o concebeu originalmente para uma larga folha de papel que, ao invés de ser editada encadernada, como a forma tradicional do livro tal como a conhecemos, fosse dobrada várias vezes, como uma sanfona, de modo a permitir a leitura do extenso poema sem interrupções e ao mesmo tempo oferecendo ao leitor as várias possibilidades de leitura. É um poema escrito em três colunas que pode ser lido, no mínimo, de três maneiras.

Ao fazer isso, Paz cumpriu com uma das mais gratificantes tarefas que é a de explorar os vários recursos de uma linguagem e extrair dela o melhor dentro de seu objetivo de construção da linguagem poética. Ele colocou a linguagem e as potencialidades de sua técnica a seu serviço para criar uma obra de arte. Fez sua mensagem circular das várias formas permitidas pela plasticidade da poesia.

No jornalismo há que se fazer uma indagação: quantas iniciativas conhecemos para potencializar as possibilidades da linguagem que temos à disposição? Quantas iniciativas conhecemos no sentido de colocar a técnica ao serviço de buscar os esclarecimentos dos fatos de interesse público? Eis o dilema do jornalismo impresso contemporâneo: na busca pelo novo, está empobrecido de novidade; é pobre de recursos, de atração, de leitores.

CONTADORES DE HISTÓRIA

De um lado, a essência da padronização se presta para identificar algumas das razões que têm levado à indignação do impresso. Do outro lado, a reportagem, gênero cada vez mais enfraquecido na prática cotidiana, pode ser o ponto a conduzir a busca de alternativas capazes de indicar uma possível recuperação do caráter desse tipo de

jornalismo. É na prática da reportagem que o profissional do jornalismo encontra o terreno mais fértil para exercer a principal das responsabilidades da palavra porque sua essência é a de promover o esclarecimento dos fatos (Medina, 1988) (Abramo, 1988).

Cláudio Abramo (1988) dizia que a reportagem é uma narrativa, nada mais que uma narrativa. A capacidade de contar a história é que lhe confere importância. Como exemplo, citou narrativas que viraram verdadeiros documentos históricos exatamente porque cumpriram com seu papel. Um dos exemplos das mais impressionantes pode ser a descrição de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso (pouco mais de 400 anos antes de Cristo). A narrativa foi tão rica, lembra Abramo, que permitiu, na idade moderna, identificar a peste que havia atingido Atenas naquela época. E Tucídides sequer teve tempo de concluir sua obra, vítima da mesma peste que ele observou. Historiadores da era moderna destacam na narrativa de Tucídides o fato de ele ter buscado o sentido dos acontecimentos e o segredo de seu encadeamento. Por isso tornou-se tão forte.

Esse é o poder da reportagem que, por ser o gênero por excelência do jornalismo impresso, torna-se a indicação por onde passa a revitalização do produto jornal: a história que se mostra numa narrativa detalhada, fruto de uma observação cuidadosa, criteriosa e rigorosa que permite compreender o sentido dos fatos.

No entanto, o jornal, produto de uma sociedade urbanizada e industrializada, tem servido muito mais a critérios mercadológicos imediatos e, assim, abre mão de sua responsabilidade. Se o jornal não tiver lugar em tempos futuros, isso não se dará pelo fato de as outras estarem suprimindo todas as necessidades de informação. Será, antes, o atestado da derrota do verbo como instrumento de reflexão e produção de sentido se o que for colocado no lugar se prestar tão somente ao consumo imediato de pílulas informacionais.

PALAVRA E PODER

Vale um último registro histórico para servir como outro ponto de reflexão sobre a responsabilidade que pesa sobre a palavra escrita. Na Espanha do início do século 15, cerca de dez anos depois da vitória dos Reis Católicos sobre a última resistência moura na cidade de Granada, começou a perseguição dos cristãos aos derrotados. Descumprindo o acordo de rendição assinado em 1492, os reis Fernando, de Aragão, e Isabel, de Castela, determinaram a proibição de toda ma-

nifestação cultural, artística e religiosa que não estivesse dentro dos dogmas católicos, ordenando todos a optarem entre a conversão e a morte. O ato que marcou o princípio da perseguição foi justamente a queima pública de todos os livros produzidos pelo povo árabe, numa clara disposição de aniquilamento dessa cultura. Não foi a primeira queima de livros promovida com os mesmos propósitos e, infelizmente, não foi a última, tendo sido repetida inúmeras vezes ao longo da história. É significativo que o início da repressão tenha tão constantemente sido marcado pela destruição da palavra escrita. Hoje não se vê a fogueira em praça pública; mas ela pode, num ardil, estar sendo acendida em silêncio dentro dos próprios suportes da palavra, dando a ilusão de os estar consumindo de dentro para fora.

NOTA

¹ VELOSO, Caetano (Interp.). *Circuladô*. Polygram, 1991. 1 disco vinil, 33rpm.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Cláudio. *A regra do jogo*. São Paulo : Cia. das Letras, 1988.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo : Summus, 1988
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. São Paulo : Contexto, 2002.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo : Hucitec, 1996.
- SARAMAGO, José. *Jangada de pedra*. São Paulo : Cia. das Letras, 2000.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual da Redação*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.
- JANELA DA alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Brasil:2001. (73 min.), son., color..

